

# **A correspondência de Ribeiro Couto e Manuel Bandeira**

Mário Hélio

“BEM, VOU PARAR AQUI PORQUE PRECISO AINDA escrever uma carta ao Ribeiro Couto.” Manuel Bandeira dizia isso, também em carta, a Alphonsus de Guimarães Filho. Até o final deste ano, os leitores não vão poder ler essa carta que ele ainda ia escrever, em 1951, mas, em compensação, os anos heróicos do modernismo (1919-1925) serão vistos na intimidade da correspondência do paulista e do pernambucano.

O volume está sendo organizado pelo escritor José Almino, e deve ser publicado, até o final do ano, pela Fundação Casa de Rui Barbosa, onde ele coordena o setor de filologia.

O interesse de Almino pela correspondência de Bandeira existe desde a adolescência. Cartas a Manuel Bandeira, de Mário de Andrade, foi o primeiro livro de não-ficção que mais lhe agradou. “Lembro-me de que Mário, numa passagem, ataca o que lhe parecia superficialidade de Ribeiro Couto”, diz (leia trecho de carta na página seguinte. Tudo, porém, com diplomacia. O antigo morador do Pouso Alto (que também viveria no Curvelo) não desancava por escrito o da rua Lopes Chaves, enquanto o eterno “habitante de Pasárgada” (e do mesmo morro do Curvelo que lhe motivou poemas) punha panos quentes entre os dois paulistas desvairados.

A primeira coisa que surpreende na correspondência é a desproporção das cartas conservadas. 142 de Bandeira sobreviveram, enquanto as de Ribeiro Couto não tiveram a mesma sorte: restaram apenas 16. Outra coisa a destacar é o tom. O primeiro é mais íntimo, pessoal, próximo. “Como a própria poesia cotidiana de Bandeira, que, nas cartas a ele, se solta menos”, compara Almino.

Apesar disso, a linguagem está longe de ser formal. “Pela informalidade, lembra um pouco o tom que se usa na internet hoje em dia”, diz Almino. Tudo muito diferente da correspondência trocada entre Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, também organizada por Almino (Meu caro Rui, meu caro Nabuco, Fundação Casa de Rui Barbosa, 96 páginas) lançada no final do ano passado. Um bilhete de Nabuco (datado de 2 de maio de 1999) pode servir de exemplo:

“Desejo-lhe ao partir todas as felicidades e peço-lhe que disponha sempre de mim com a amizade que nos ligava nos tempos da nossa mocidade, certo que V. não tem quem mais do que eu deseje a perfeição de seu talento, a universalidade do seu nome, e a imortalidade de sua obra. Tenho mais ambição do que V. mesmo de o ver entrar na sua verdadeira e superior esfera, e é com sincera satisfação que acompanho a plenitude que caminha do seu disco intelectual. Seu sempre Joaquim Nabuco”

No caso dos modernistas, as cartas serviam como espécie de treino para o coloquialismo que, sobretudo Manuel Bandeira (herdeiro do tradicionalismo parnasiano que ainda habitava Rui e Nabuco). Ribeiro Couto não esteve longe de querer e alcançar uma simplicidade, que também seduziu Mário de Andrade. De formação francófila eram os intelectuais daquele tempo, a ponto de escreverem poemas em francês (o caso de Bandeira), ou livros inteiros, como Couto (que viveu diplomaticamente na França e foi um grande divulgador da literatura brasileira na Europa).

Quem dispuser das duas coletâneas em que se reúne toda a correspondência entre Bandeira e Mário de Andrade pode fazer triangulações curiosas com a próxima a ser lançada. Numa, o autor de Losango Cáqui fala do gosto do autor de Libertinagem, pelos

diminutivos. O bastante para que este escreva um começo de carta a Ribeiro Couto cheio de diminutivos.

Além de haver escrito sobre a estética do amigo em seus estudos sobre literatura brasileira, glosou o seu nome no Mafuá do Malungo assim:

“Não é ruim, não é do Couto,/É Rui, mas não é Barbosa:/ É, sim, Rui Ribeiro Couto,/ Mestre do verso e da prosa.”

De algum modo esses versos parecem o oposto daqueles apócrifos atribuídos a Bandeira (que ele negava): “Francisco de Assis Barbosa/ Brasileiro tipo sete/ Tanto em verso quanto em prosa/ Não deu, não dá nem promete.” Ainda está por ser escrita uma pequena história das difíceis amizades literárias, tão ambíguas, maliciosas e irônicas muitas vezes quanto a própria literatura.

Um aspecto muito curioso é que o interesse de Ribeiro Couto por tornar-se amigo de Manuel Bandeira nasceu após a leitura de poema de A Cinza das Horas intitulado “Cartas de meu avô”:

“A tarde cai, por demais/ Erma, úmida e silente.../ A chuva, em gotas glaciais,/ Chora monotonamente...// E enquanto anoitece, vou/ Lendo, sossegado e só,/ As cartas que meu avô/ Escrevia a minha avó...// Enternecido sorrio/ Do fervor desses carinhos:/ É que os conheci velhinhos,/ Quando o fogo era já frio...// Cartas de antes do noivado.../ Cartas de amor que começa,/ Inquieto, maravilhado,/ E sem saber o que peça...// Temendo a cada momento/ Ofendê-la, desgostá-la,/ Quer ler em seu pensamento/ E balbucia, não fala...// A mão pálida tremia/ Contando o seu grande bem./ Mas, como o dele, batia/ Dela o coração também...// A paixão, medrosa dantes,/ Cresceu, dominou-o todo./ E as confissões hesitantes/ Mudaram logo de modo...// Depois o espinho do ciúme.../ A dor... a visão da morte.../ Mas, calgado o vento, o lume/ Brilhou, mais puro e mais forte...// E eu bendigo, envergonhado,/ Esse amor, avô do meu.../ Do meu, – fruto sem cuidado/ Que inda verde apodreceu...// O seu semblante está enxuto./ Mas a alma, em gotas mansas,/ Chora, abismada no luto/ Das minhas desesperanças...// E a noite vem, por demais/ Erma, úmida e silente.../ A chuva em pingos

glaciais,/ Cai melancolicamente.// E enquanto anoitece, vou/ Lendo, sossegado e só,/ As  
cartas que meu avô/ Escrevia a minha avó.”